CAPÍTULO 4

A EDUCAÇÃO ROMANA

1. O ideal romano de educação
2. A família como centro da educação romana
3. A imitação como método de educação
4. A primitiva educação romana (753-250 a.C.)
5. A introdução das escolas gregas (250-50 a.C.)
6. O início do período imperial (27 a.C.-200 d.C.)
7. O declínio da educação romana

Os romanos tinham uma mentalidade prática; procuravam alcançar resultados concretos adaptando os meios aos fins. Enquanto os gregos julgavam e mediam todas as coisas pelo padrão da racionalidade, da harmonia ou da proporção, os romanos julgavam tudo pelo critério da utilidade ou da eficácia. "Por isso os romanos sempre consideraram os gregos como um povo visionário e ineficiente, enquanto os gregos consideravam os romanos como bárbaros sórdidos, com força de caráter e valor militar, mas incapazes de apreciar os aspectos superiores da vida." (MONROE, P. Op. cit., p. 77.)

1. O ideal romano de educação

O ideal romano de educação decorre, principalmente, da concepção de direitos e deveres. O cidadão romano tinha os seguintes direitos:

- o direito do pai sobre os filhos (***patria potestas***);

- o direito do marido sobre a esposa (***manus***);
- o direito do senhor sobre os escravos (***potestas dominica***);
- o direito de um homem livre sobre o outro que a lei lhe dava por contrato ou por condenação judiciária (***manus capere***);
- o direito sobre a propriedade (***dominium***).

A tais direitos correspondiam os deveres. E para cumprir seus deveres o cidadão romano precisava possuir uma série de aptidões e virtudes. Desenvolver tais aptidões era o papel da educação.

E quais eram essas aptidões e virtudes? As principais eram as seguintes:

- a piedade ou a obediência, que incluía tanto a idéia religiosa de reverência como a noção de respeito à autoridade paterna;
- a varonilidade ou firmeza, que atualmente chamamos de caráter (***constantia***); era uma virtude muito valorizada entre os romanos;
- a bravura ou a coragem, que impelia o romano a nunca abandonar voluntariamente uma luta antes de ter vencido;
- a prudência, que devia ser utilizada principalmente na direção dos negócios particulares;
- a honestidade, que consistia principalmente na perfeita conduta em todas as relações econômicas;
- a seriedade (***gravitas***), que incluía a sobriedade na conduta, a compostura.

Para o indivíduo, todas essas virtudes estavam reunidas no ideal do dever; para o Estado, no ideal de justiça.

2. A família como centro da educação romana

Numa educação centralizada na formação do caráter moral das pessoas, é evidente que a família desempenha papel muito importante. O pai é o principal responsável pela educação dos filhos, mas o caráter prático do povo romano atribui especial importância à mulher nessa tarefa e em outras relacionadas como o lar. A situação da mulher em Roma era mais elevada do que no restante dos impérios da Antiguidade. Embora não chegasse a participar da vida pública, a mulher exercia grande autoridade dentro da família.

Era comum, na educação de crianças e jovens, serem apresentados exemplos concretos da virilidade romana. Nenhum outro povo utilizou tão eficazmente as personalidades de importância de sua própria história. E o modelo ideal era, em primeiro lugar, o ancestral da família, depois o da comunidade.

3. A imitação como método de educação

Enquanto os heróis gregos eram semideuses que dificilmente poderiam ser imitados, os heróis romanos, ao contrário, podiam ser imitados por todo menino romano. Por isso a característica fundamental do método da educação romana era a imitação.

O jovem romano tinha de tornar-se piedoso, respeitoso, corajoso, varonil, prudente, honesto pela imitação de seu pai e de outros romanos cujo heroísmo merecera ser consagrado pelas lendas e histórias do país. Esses heróis, convém ressaltar, eram homens reais que andavam nas ruas de Roma e se reuniam no Fórum.

Com relação ao método, outro aspecto que se destaca é que os romanos rejeitavam, como sinais de afeminação, o treino ginástico, a dança, a música, a literatura, enfim todos os meios educativos utilizados pelos gregos. "Entre os romanos não havia ginásios. Promovia-se o desenvolvimento físico nos campos marciais e no acampamento, e por meio de exercícios militares completados pela prática real da participação na vida rural. De qualquer forma a educação dos meninos era feita ou por um aprendizado dos ofícios de soldado, de agricultor, de estadista, ou pela participação direta nas atividades que lhes seriam requeridas como cidadãos. O método romano era, pois, o método característico da educação prática – aprendia-se fazendo a coisa que se tinha de fazer." (Id., ibid., p. 81-2.)

4. A primitiva educação romana (753-250 a.C.)

Durante esse período predominaram de maneira especial os aspectos que acabamos de mencionar sobre a educação romana. O lar era praticamente a única escola. Bem cedo, porém, o menino tornava-se o companheiro de seu pai nos negócios públicos e privados, na rua, no Fórum e no acampamento. Dava-se especial importância à educação moral. A disciplina era severa e os ideais eram seguidos rigorosamente.

Durante a última parte desse período surgiram as escolas elementares, que passaram a ministrar os rudimentos das artes de ler, escrever e contar. Estas escolas eram conhecidas como ***ludi***, palavra latina que significa *jogo*, *divertimento* ou *brinquedo*. Receberam esse nome porque a instrução nas artes de ler e calcular representava uma "diversão" quando comparada com a educação no lar. O mestre dessas escolas tinha o nome de ***ludi-magister***.

5. A introdução das escolas gregas (250-50 a.C.)

Através de suas vitórias militares, os romanos estenderam seu domínio pela Itália e fora dela. A Grécia, ao ser transformada em província romana (146 a.C.), passou a influir decisivamente sobre a cultura do conquistador.

O contato seguido com outros povos fez com que a educação romana deixasse de ser estritamente nacional e passasse a receber grande influência de outros elementos culturais. "Os militares, comerciantes e diplomatas necessitavam do conhecimento da língua grega para melhor desempenho de seus empreendimentos; a guerra e a política se tornaram cada vez mais complexas e difíceis; a jurisprudência foi se convertendo numa disciplina que exigia certos conhecimentos não mais suscetíveis de serem aprendidos pela audição das dissertações públicas; por fim, a arte oratória chegou a ser o meio mais eficaz para ocupar as magistraturas ou influir poderosamente na vida social.

Como se pode compreender, a velha escola do ***ludi-magister*** já não podia satisfazer por si mesma as novas exigências; junto dela se foi gerando um novo tipo de instituições." (LARROYO, F. Op. cit., p. 207-8.)

Podemos citar como exemplos de tais instituições as escolas gregas de gramática e de retórica. Posteriormente, a escola de retórica latina abriu campo mais vasto para esse tipo de educação, atingindo maior parcela da população.

6. O início do período imperial (27 a.C.-200 d.C.)

Sob o Império, que teve início em 27 a.C., após o término da República, ocorreram importantes acontecimentos históricos que precisamos ter presentes para entender as transformações da educação romana. Graças à prosperidade material, surgiram o luxo e uma aguda visão de classes sociais. Muitos ex-escravos, libertos, chegam a ser po-

derosos. Os que exercem profissão produtiva, como os mestres, os artistas e os artesãos, vivem à custa dos ricos, aos quais rendem honras.

Com as mudanças históricas a cultura grega continua se impondo nos mais diversos aspectos da vida romana. O tipo de saber que tinha maior aceitação no período imperial era a retórica. E os gregos eram os grandes mestres nessa arte. A *escola do retórico* em Roma, a exemplo da escola dos sofistas ou da dos últimos retóricos gregos, ministrava um treino completo em oratória.

As escolas de retórica eram freqüentadas por aqueles que pretendiam dedicar-se a uma carreira pública. Para o romano a oratória era o meio através do qual ele podia tornar o seu saber útil para os seus semelhantes. Os grandes guerreiros da época eram também grandes oradores. E, muitas vezes, eles eram grandes líderes porque eram grandes oradores: "O orador era maior que o filósofo, porque o orador incluía o filósofo. As funções desempenhadas na sociedade moderna pelo púlpito, imprensa, tribuna pública e judiciária, debate legislativo, mesmo pela universidade, eram naqueles tempos desempenhadas pelo orador". (MONROE, P. Op. cit., p. 87.)

Com o tempo a educação retórica se transformou num simples treino para aquisição de habilidades de falar em público, sem se preocupar com o conteúdo do discurso. Por esse motivo muitos pensadores passaram a censurar tais escolas. Para preencher essas deficiências surgiram o estudo da ciência do Direito e da Filologia. Assim, passou a se tornar indispensável uma formação sistemática do jurista e magistrado. Surgiram também os professores de Direito. Roma e Constantinopla tiveram os melhores centros docentes desse gênero, junto aos quais floresceram as escolas de filósofos e os institutos helenísticos, onde se desenvolviam as ciências particulares.

Tais instituições, por sua vez, tornaram possível o surgimento das universidades em Roma. A fundação do Ateneu – centro de cultura no qual retóricos e poetas instruíam a juventude – pelo imperador Adriano foi o primeiro passo para a organização das universidades.

As universidades romanas surgiram não apenas para reunir diversas disciplinas, mas principalmente para reunir professores e alunos que a elas se consagravam.

Na época imperial o sistema de ensino romano compreendia os seguintes graus:

1º) as escolas dos ***ludi-magister***, que ministravam a educação elementar;

2º) as *escolas do gramático*, que ensinavam grego e latim e que correspondem ao que hoje chamamos de curso secundário;

3º) os estabelecimentos de educação terciária, que se iniciaram com a *escola do retórico* e que, acolhendo o ensino de Direito e de Filosofia, converteram-se numa espécie de universidade.

7. O declínio da educação romana

O que mais caracteriza a decadência da educação romana é o fato de ela ter passado a se limitar à classe mais elevada. "A educação já não se destina a ser a educação prática de todo o povo, mas o ornamento de uma sociedade oca, superficial e geralmente corrupta; já não é um estádio de desenvolvimento possível para um povo inteiro, ou para indivíduos de dada categoria, mas a simples obtenção ou mesmo mera insígnia de distinção de uma classe favorecida. Quando o antigo vigor político e as oportunidades para as atividades políticas desapareceram, quando o governo municipal se tornou mera máquina para coletar impostos, quando o exército se encheu de bárbaros, a classe superior, agora mais numerosa do que nunca, voltou-se para o único traço remanescente da primitiva Roma imperial – sua cultura." (Id., ibid., p. 91.)

Assim, a educação ministrada pela primitiva Igreja Cristã veio, gradualmente, substituir a decadente educação romana. Esta, mesmo mantendo sua estrutura após os bárbaros terem conquistado o Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., perdeu a sua importância social.

Resumo

1. O ideal romano de educação decorre, principalmente, da concepção de direitos e deveres.

   Tinham uma mentalidade prática e procuravam alcançar resultados concretos adaptando os meios aos fins.

2. Numa educação centralizada na formação do caráter moral das pessoas, a família desempenha papel muito importante.

   A situação da mulher em Roma era mais elevada do que no restante dos impérios da Antiguidade; ela exercia grande autoridade dentro da família.

3. A característica fundamental do método da educação romana era a imitação.

   O método característico era a educação prática. Aprendia-se fazendo a coisa que se tinha de fazer.

4. A educação primitiva romana (753-250 a.C.) era dada praticamente no lar. Durante a última parte desse período surgiram as escolas elementares (*ludi*), que passaram a ministrar os rudimentos das artes de ler, escrever e contar. O mestre dessas escolas chamava-se *ludi-magister*.

5. A Grécia, ao ser transformada em província romana, passou a influir decisivamente sobre a cultura do conquistador.

   A arte oratória chegou a ser o meio mais eficaz para ocupar as magistraturas ou influir poderosamente na vida social.

   O contato com outros povos fez surgir novos tipos de instituições educacionais, tais como as escolas gregas de gramática e de retórica e a escola de retórica latina.

6. Com as mudanças históricas, a cultura grega continua se impondo nos mais diversos aspectos da vida romana.

   A escola do retórico em Roma ministrava o treino completo em oratória, e era freqüentada por aqueles que pretendiam dedicar-se a uma carreira pública.

   Como a retórica se transformou num simples treino para aquisição de habilidades de falar em público, sem se preocupar com o conteúdo do discurso, houve necessidade de se preencher tais deficiências. Surgiram, então, o estudo da ciência do Direito e da Filologia.

   Roma e Constantinopla tiveram os melhores centros docentes.

   Nesses centros floresceram as escolas de filósofos e os institutos helenísticos onde se desenvolviam as ciências particulares.

   Tais instituições tornaram possível o surgimento das universidades.

7. O fato de a educação romana ter passado a se limitar à classe mais elevada colabora para a sua decadência.

   A educação ministrada pela primitiva Igreja Cristã veio, gradualmente, substituir a decadente educação romana.

Questões propostas

1. Quais as principais diferenças entre a mentalidade dos gregos e a dos romanos?
2. Do que decorre o ideal romano de educação?
3. Quais os direitos e deveres do cidadão romano?
4. Para cumprir seus deveres, que tipo de aptidões e virtudes o cidadão romano precisava desenvolver?

5. Qual o papel da família na educação romana?
6. Como se caracterizava o método da educação romana?
7. Como era a primitiva educação romana?
8. Que conseqüências trouxe para a educação o contato seguido do povo romano com outros povos?
9. Quais as características da educação romana durante o período imperial?
10. Quais os graus do sistema de ensino romano na época imperial?
11. O que caracteriza a decadência da educação romana?

Leitura Complementar

A escravidão em Roma e na Grécia antiga

Em Roma e na Grécia antiga, cerca de 80% da população compunham-se de escravos. Esses escravos executavam todo o trabalho manual e, inclusive, grande parte do trabalho clerical, burocrático e artístico dessas sociedades. Em troca, recebiam apenas a alimentação e o vestuário suficientes para sobreviverem. Os senhores de escravos apropriavam-se e desfrutavam de todo o excedente produzido por seus escravos. A economia era predominantemente agrícola, excetuando-se umas poucas cidades onde se localizava o governo central. Na grande propriedade agrícola, o senhor de escravos vivia como rei, cercado de luxo. Muitos possuíam também mansões em Atenas ou em Roma. Além da esposa, tratada como objeto valioso de sua propriedade, explorava sexualmente as mulheres escravas.

Que espécie de ideologia econômica vigorava nessa época? Sabe-se da existência de alguns tratados, sobretudo no período romano, sobre a melhor maneira de plantar, os implementos agrícolas mais eficientes, a forma adequada de vigiar, controlar e punir os escravos. Além destes, foram escritos outros tratados visando a justificar o regime de escravidão. Filósofos brilhantes, como Platão e Aristóteles, afirmavam que a escravidão era um fenômeno "natural", o único sistema possível e que sua existência seria eterna. Segundo esses filósofos, certos homens e mulheres nasciam para ser escravos: eram intrinsecamente inferiores. Outros, dotados de qualidades superiores desde o berço, nasciam para se tornar proprietários de escravos. Platão e Aristóteles não faziam apologias mera-

mente verbais: esta era a ideologia dominante que eles simplesmente aceitavam como um fato.

A despeito de suas limitações, a escravidão permitiu a construção de inúmeras obras públicas grandiosas e propiciou o avanço da ciência e da cultura. Uma de suas limitações consistia na impossibilidade de se usar escravos para acionar instrumentos de trabalho complexos ou delicados. Quando não os destruíam, utilizavam-nos como armas em suas freqüentes revoltas. Além disso, a organização da agricultura tinha que ser simples. Fazia-se apenas uma colheita e cultivava-se o solo com instrumentos rudes. Em conseqüência dessas limitações, grandes extensões de terras foram totalmente arruinadas e o produto agrícola, drasticamente reduzido. A escravidão deu origem também à noção de que todo trabalho era indigno. Essa noção desestimulou a atividade inventiva e, no período romano, limitou o progresso tecnológico, contribuindo, assim, para a estagnação da economia.

A debilidade econômica e, conseqüentemente, política e social do Império Romano tornou-o vulnerável às investidas das tribos primitivas germânicas e eslavas. O Império entrou em colapso no ocidente. Do caos que se instaurou, surgiria um novo sistema: o feudalismo. Os reis dos estados feudais eram, em sua maioria, antigos chefes das tribos primitivas que invadiram a Europa.

(HUNT, E. K. & SHERMAN, Howard J. *História do pensamento econômico.* Petrópolis, Vozes, 1982. p. 11-2.)

Questões sobre o texto

1. Como se caracterizava a escravidão em Roma e na Grécia antiga?
2. Como os escritores e filósofos encaravam a escravidão?
3. Como era visto o trabalho na Grécia e em Roma, e quais as conseqüências dessa visão?

CAPÍTULO 5

A EDUCAÇÃO MEDIEVAL

1. O cristianismo e o novo ideal educacional
2. Os primeiros padres da Igreja, o cristianismo e a filosofia pagã
3. As escolas cristãs primitivas
4. O monaquismo
5. A escolástica
6. As universidades

Por ocasião da invasão dos bárbaros, a cultura greco-romana esteve a ponto de ser destruída, o que só não aconteceu graças, em grande parte, à atuação da Igreja Cristã, pois somente através da religião foi possível educar os novos povos.

A educação dos povos europeus na Idade Média, portanto, teve como ponto de partida a doutrina da Igreja. Assim, a instrução nessa doutrina e a prática do culto substituíram o elemento intelectual. Todos os tipos de educação que se desenvolveram durante o longo período da Idade Média não passaram de modalidades diferentes de preparação para um estado futuro.

Sob o domínio da Igreja, este estado futuro tornou-se a "outra vida". Durante todo este período predominou uma concepção de educação que se opunha ao conceito liberal e individualista dos gregos, e ao conceito de educação prática e social dos romanos.